

RESENHA DE *MEDIATING EMERGENCIES AND CONFLICTS: FRONTLINE TRANSLATING AND INTERPRETING*

CRITICAL REVIEW OF MEDIATING EMERGENCIES AND CONFLICTS: FRONTLINE TRANSLATING AND INTERPRETING



Silvana Aguiar dos SANTOS
Professora Adjunta
Universidade Federal de Santa
Catarina
Centro de Comunicação e Expressão
Programa de Pós-Graduação em
Estudos da Tradução
Florianópolis, Santa Catarina, Brasil
lattes.cnpq.br/2132093144348796
orcid.org/0000-0002-5310-7480
s.santos@ufsc.br

Jonatas Rodrigues MEDEIROS
Mestrando
Universidade Federal de Santa
Catarina
Centro de Comunicação e Expressão
Programa de Pós-Graduação em
Estudos da Tradução
Florianópolis, Santa Catarina, Brasil
lattes.cnpq.br/0801775499505800
orcid.org/0000-0001-7417-217X
jonataslibras@gmail.com

Felipe PATRÍCIO
Graduando
Instituto Nacional de Educação de
Surdos
Departamento de Ensino Superior
DESU/NEO INES
Pólo UFPR
Curitiba, Paraná, Brasil
lattes.cnpq.br/9766681874982887
orcid.org/0000-0002-5858-2053
patricio.fe.p@gmail.com

1

Resumo: Esta resenha aborda a obra intitulada *Mediating Emergencies and Conflicts: Frontline Translating and Interpreting* [Mediando Emergências e Conflitos: Tradução e Interpretação na linha de frente], organizada por Federico M. Federici (University College London), no Reino Unido. Diversos países em diferentes partes do globo terrestre enfrentam emergências, catástrofes, desastres naturais ou provocados pelo homem. Esses fenômenos causam uma série de demandas, entre elas, tradutores, intérpretes e mediadores linguísticos de diversos idiomas. O livro explora o papel desses profissionais com base em experiências profissionais e também resultados de pesquisas, colocando em evidências países como Turquia, Egito, Afeganistão, Irlanda, Espanha, Bélgica, entre outros.

Palavras-chave: Emergências. Catástrofes. Tradutores. Intérpretes. Treinamento e formação.

Abstract: *This review is based on the book Mediating Emergencies and Conflicts: Frontline Translating and Interpreting, organized by Federico M. Federici (University College London), United Kingdom. Several countries in different parts of the globe face emergencies, catastrophes, natural or man-made disasters. These phenomena cause a number of demands, among them, translators, interpreters and linguistic mediators of various languages. This book explores the role of these professionals based on professional experiences and also research results, putting into evidence countries such as Turkey, Egypt, Afghanistan, Ireland, Spain, Belgium, among others.*

Keywords: *Emergencies. Catastrophes. Translators. Interpreters. Training and education.*

No Brasil, temáticas como políticas de tradução e de interpretação, direitos linguísticos, hospitalidade, imigração, refúgio e asilo têm conquistado visibilidade nos Estudos da Interpretação. Quais os papéis que intérpretes assumem ao trabalhar nesses contextos? Como os intérpretes lidam com a atividade de interpretação de diferentes



Este é um artigo em acesso aberto distribuído nos termos da *Licença Creative Commons* Atribuição que permite o uso irrestrito, a distribuição e reprodução em qualquer meio desde que o artigo original seja devidamente citado.

This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original article is properly cited.

pares linguísticos em meio aos conflitos e emergências contemporâneas, tais como, desastres aéreos, tragédias climáticas, catástrofes e guerras? Em todas essas situações, as demandas por mediadores linguísticos, tradutores e intérpretes é uma constante, embora nem sempre visível do ponto de vista governamental e/ou acadêmico. Recentemente, esses assuntos têm ganhado atenção em algumas literaturas do campo dos Estudos da Interpretação, mostrando-nos a relevância em discutir os serviços de tradução e de interpretação, a partir de uma perspectiva internacional, colocando em diálogo as emergências e crises humanitárias.

Essas temáticas mencionadas acima compuseram a discussão central do livro intitulado *Mediating Emergencies and Conflicts: Frontline Translating and Interpreting* [Mediando Emergências e Conflitos: Tradução e Interpretação na linha de frente] organizado pelo pesquisador, prof. dr. Federico M. Federici (University College London), no Reino Unido. O renomado pesquisador graduou-se pela Università degli di Roma La Sapienza no ano de 2002 e, em 2007, concluiu seu doutorado em Filosofia pela University of Leeds. Seus principais interesses de pesquisa apontam quatro áreas centrais, a saber: tradução de crise, tradução criativa, práticas de tradução tomando como base línguas minoritárias e regionais e recepção de traduções em italiano. O livro *Mediating Emergencies and Conflicts: Frontline Translating and Interpreting* foi publicado pela editora Palgrave Macmillan no ano de 2016 no Reino Unido. Tal obra é composta de duas seções, sendo a primeira parte subdividida em cinco capítulos que constituem a grande temática denominada Emergências em Contextos Multilíngues. Na segunda parte, temos três capítulos que discutem as representações das emergências.

2

Nessa primeira seção, o pesquisador Federico M. Federici introduz no capítulo 1 a reflexão intitulada “A State of Emergency for Crisis Communication” [Um estado de emergência para a comunicação de crise], na qual explica que vivemos em um mundo globalizado caracterizado pelas emergências e calamidades, sendo difícil distinguir o início e o fim desses acontecimentos. Nesse primeiro momento, o autor situa o leitor com relação aos principais conceitos (emergências, comunicação de crise, mediação, mediadores linguísticos e culturais, barreiras linguísticas, entre outros) pertinentes neste campo e suas respectivas colaborações teóricas. O autor resgata as contribuições de Kevin Mihata publicadas no ano de 1997, o qual cunhou o conceito de Estado de Emergência no fim dos anos 1990. Federici (2016) argumenta, por exemplo, as diversas implicações que desencadeiam do estado de emergência e como elas se relacionam com as questões linguísticas e culturais. Além disso, o autor esclarece que a noção de mediadores linguísticos e culturais utilizados no texto vai além dos

perfis profissionais de tradutores e intérpretes (p. 2). Em um segundo momento, o autor apresenta uma breve reflexão sobre as principais pesquisas de tradução e interpretação relacionadas às emergências e comunicação de crise, destacando o papel das iniciativas profissionais, o papel das instituições e organizações humanitárias.

Há uma série de situações que o autor exemplifica mostrando a abrangência possível para atuação de tradutores, intérpretes e mediadores linguísticos e culturais. Porém, Federici (2016) problematiza a ausência de mediadores linguísticos e culturais nos planejamentos de emergências. Explica ainda, que essa ausência deve-se ao péssimo planejamento aliado à uma política desastrosa, esvaziando e suprimindo os contextos multilíngues. Solidariedade, humanidade e resiliência constituem conceitos-chave, em uma perspectiva pós-colonial, os quais devem ser levados em consideração no treinamento de tradutores, intérpretes e mediadores linguísticos e culturais. Finalizando a introdução, o autor ratifica que no momento atual é hora de recuperar o atraso, ampliar perguntas, projetos e pesquisas voltadas para a tradução e a interpretação em situações de emergência. Constata-se a necessidade urgente em elaborar planos de contingências que incluam as demandas linguísticas, tradutórias e culturais, além de incluir elementos tecnológicos mais avançados e contato direto com as redes e equipes de atendimento de situações que envolvem emergências.

No capítulo 2, intitulado “Interpreting in the Emergency Department: How Context Matters for Practice” [Interpretação no Departamento de Emergência: Como o Contexto Importa para a Prática] e assinado pelos pesquisadores Antoon Cox (Vrije Universiteit Brussel - Bélgica) e Raquel Lázaro Gutiérrez (Universidad de Alcalá - Espanha), os autores expõem as barreiras linguísticas existentes nos departamentos e/ou setores de emergências dos hospitais. Explicam, ainda, que grande parte da literatura sobre interpretação médica e barreiras linguísticas têm concentrado-se nos contextos que envolvem cuidados primários. Contudo, Cox e Gutiérrez (2016) destacam que o ambiente dos cuidados primários é bastante diferente dos departamentos ou setores de emergências. Abordam ainda, uma rápida explanação sobre a especificidade desses locais, bem como, as principais pesquisas da área, destacando a importância de intérpretes médicos qualificados para o exercício profissional.

Cox e Gutiérrez (2016) realizaram uma pesquisa qualitativa analisando intérpretes *ad-hoc* atuantes em serviços de emergência espanhol e belga. Os resultados mostram que os intérpretes profissionais são subutilizados nesses contextos. Com base nas análises, os motivos dessa subutilização são: superestimação das competências linguísticas do paciente, complexidade na identificação das línguas dos pacientes e obstáculos práticos para o uso de

intérpretes profissionais. Cox e Gutiérrez (2016) apresentam quatro casos que ilustram os perigos associados à utilização de intérpretes não profissionais ou ainda a ausência de intérpretes nos serviços de emergências, quais sejam: a falsa fluência do intérprete *ad-hoc*, a confusão de papéis pelo intérprete *ad-hoc*, dificuldade de identificar a relação entre o paciente e o intérprete *ad-hoc* e comunicação truncada (ou seja, quando há quebra no fluxo da informação, dificultando profundamente a compreensão). Os autores finalizam o capítulo mostrando as implicações para a formação de intérpretes médicos, sugerindo, inclusive, que esses profissionais realizem imersão comunicativa *in loco*, isto é, nos departamentos e/ou setores de emergências, a fim de desenvolverem maior familiaridade com o contexto. Além disso, Cox e Gutiérrez (2016) apontam implicações do ponto de vista institucional, ou seja, aspectos que devem ser observados pela gestão organizacional dos serviços de emergência. Um exemplo disso seria proporcionar certa celeridade na “avaliação linguística” do paciente já na triagem, caso ele apresente dificuldades de comunicação e expressão nessa fase.

4

No capítulo 3, assinado pela pesquisadora Aymil Doğan (Hacettepe University) e intitulado “Anybody Down There? Emergency and Disaster Interpreting in Turkey” [Alguém aí embaixo? Interpretação de Emergência e de Catástrofes na Turquia], a autora contextualiza inicialmente o caso da Turquia com relação às catástrofes naturais ou provocadas pelo homem e destaca que todos os anos o país enfrenta pelo menos um terremoto de grande magnitude, o que exige gestão e coordenação das autoridades, segundo dados oficiais do governo. Doğan (2016) explica a relevância em distinguir os conceitos de emergências e catástrofes. A autora revela que, na Turquia, a sociedade em geral não está familiarizada com o papel dos mediadores linguísticos, intérpretes e tradutores. Essa realidade começou a ser alterada a partir de dois sismos devastadores que ocorreram no país no fim do século XX. Tais acontecimentos contribuíram para emergir uma nova consciência sobre a mediação linguística na sociedade turca, afinal, quando as equipes internacionais de buscas e salvamento chegaram ao país, os serviços de tradução, de interpretação ou ainda de mediação linguística eram necessários.

Doğan (2016) esclarece que a posição geofísica na qual a Turquia localiza-se é um fator crítico e determinante na formação de desastres naturais. A autora recupera as contribuições de alguns autores e explica que, a partir dos anos 2000, uma categoria denominada “interpretação de socorro” foi criada no país a fim de resolver os problemas de comunicação. Inicialmente, denominava-se Afette Rehber Çevirmenlik (Guide-Interpreters at Disasters) [Guia-intérpretes em desastres]. Com o passar dos anos, após adaptações e ampliação dos serviços de interpretação em todas as comunicações de crise, a instituição passou a denominar-se Afette

Rehber Çevirmenlik (ARÇ) [Interpretação de Emergência e de Catástrofes]. Segundo Doğan (2016), o referido capítulo descreve um panorama geral da ARÇ, destacando sua fundação, organização, formação, fragilidades e ações futuras a serem implementadas pela instituição. O propósito da autora é disseminar o trabalho e as contribuições da ARÇ na Turquia para que seja utilizada como um modelo possível em países multilíngues vulneráveis a catástrofes. Essa proposta pode ser uma pista inicial para potencializar a criação de outras instituições com fins semelhantes aos da ARÇ.

Ainda nesse capítulo, Doğan (2016) relata que, nas situações envolvendo emergências e catástrofes, os recursos linguísticos são destinados ao principal objetivo que é salvar vidas humanas (pp. 61–62). Tal preocupação atinge e atravessa o papel e as atribuições dos intérpretes, pois estes ampliam-se de tal forma, tais como permitir a comunicação através da diminuição das barreiras linguísticas, estendendo-se à resolução de conflitos temporários emergentes em equipes multiculturais e até mesmo resoluções de problemas e tomada de decisões. A autora destaca a relevância e a necessidade de levar em consideração as questões éticas que emergem desses contextos. Doğan (2016) finaliza o capítulo explicando os recentes esforços desenvolvidos na Turquia, a fim de construir resiliência e preparação por parte das autoridades, assim como aqueles que são alcançados pelo trabalho da ARÇ. A autora destaca ainda uma lista de providências a serem tomadas, a fim de visibilizar o trabalho da ARÇ. Entre elas, menciona a necessidade de criar um trabalho mais articulado junto à Associação de Tradutores e Intérpretes da Turquia, alinhar as demandas na relação profissão e pesquisa, construir bancos de terminologia especializada em várias línguas relevantes para emergências e salvamentos relacionados à desastres, entre outros (p. 79).

O capítulo 4 desta primeira seção, denominado: “Training Translators for Crisis Communication: Translators Without Borders as an Example Sharon” [Treinamento de tradutores para comunicação de crise: Sharon como exemplo de tradutores sem fronteiras] de autoria da pesquisadora Sharon O’Brien (Dublin City University), explica que a tradução é regularmente esquecida nas crises e esse fato é fortemente destacado na publicação¹ do Office for the Coordination of Humanitarian Affairs (OCHA) [Gabinete de Coordenação dos Assuntos Humanitários] da Organização das Nações Unidas. A autora explora em seu capítulo dois objetivos principais, a saber: (i) a sensibilização do importante papel que a tradução desempenha na comunicação de crise e (ii) a necessidade de formação de tradutores para a comunicação de crise. O’Brien (2016) apresenta na segunda parte do capítulo uma avaliação

da formação recente realizada pela organização Translators Without Borders (TWB) [Tradutores sem fronteiras].

Primeiramente, O'Brien (2016) apresenta uma revisão da literatura acadêmica sobre comunicação de crise a fim de compreender e examinar o papel da tradução nesses contextos. Em seguida, a autora explica como e quais papéis a tradução tem desempenhado em crises recentes, tomando como base relatórios e artigos acadêmicos, além de examinar o papel das tecnologias de tradução. Na sequência, O'Brien (2016) apresenta três exemplos de organizações que abordam a necessidade de tradução e formação de tradutor ou de intérprete para situações sem fins lucrativos e/ou de emergência e crise. A autora explica brevemente as principais diferenças entre essas organizações, mas concentra-se no trabalho desempenhado pela TWB. Além disso, apresenta-se uma avaliação das iniciativas recentes de treinamento para tradutores voluntários de informação sobre crise. O'Brien (2016) finaliza o capítulo destacando a necessidade real da tradução em situações envolvendo comunicação de crise e apela para os gestores políticos considerarem essa atividade de forma mais concreta em seus planos de governo.

6 No capítulo 5, intitulado “ Challenges of the Twenty-First Century in the Russian Arctic: Translating in Emergencies and Emergencies in Translating” [Desafios do século XXI no Ártico Russo: Traduzindo em Emergências e Emergências na Tradução] e assinado pelas pesquisadoras Veronica Razumovskaya (Siberian Federal University) e Olga Bartashova (St. Petersburg State University), as autoras explicam as questões de comunicação interlinguística e transcultural envolvidas nas situações de emergência com foco no Ártico Russo. As contribuições de Razumovskaya e Bartashova (2016) pontuam os desafios e as peculiaridades da tradução e da interpretação no ambiente ártico. As autoras argumentam que cada vez mais tem ocorrido exploração no Ártico Russo, especialmente pelos recursos minerais e energéticos. Basicamente, as emergências são causadas pelas condições climáticas (*tundra frozen*²), alterações climáticas (*permafrost*³ — gelo permanente no subsolo, o que ocasiona desestabilização do terreno), tempo (fortes tempestades de neve, furacões e fortes geadas) e desastres tecnológicos (derramamento de petróleo, explosões, acidentes aéreos e naufrágios) em ecossistemas sensíveis do ártico (p. 114).

Razumovskaya e Bartashova (2016) esclarecem que, nesse contexto, os princípios da interpretação são: mobilidade, centralização, preparação e resposta imediata. Elas destacam que a interpretação já é conhecida como uma atividade estressante. Porém nos ambientes árticos é importante incluir a questão dos perigos adicionais, o que exige uma preparação

psicológica significativa. De acordo com as autoras, elas defendem uma abordagem integral em que a tradução e a interpretação em contextos de emergências no Ártico Russo sejam consideradas sob aspectos educativos, profissionais e de gestão. O capítulo de Razumovskaya e Bartashova (2016) aborda as principais questões: define e classifica as emergências, apresenta as características das emergências nos territórios árticos da Rússia, dialoga com as características da tradução e da interpretação em situações de emergência no ártico e por fim, expõem sobre os modelos cognitivos de interpretação em emergências focalizando na situação do ártico. Por exemplo, no que tange às características de tradução e interpretação nesses contextos, as autoras destacam que tais ambientes incluem condições de trabalho extremas, diferentes status sociais dos comunicantes, atitude especial de um mediador em relação à situação de comunicação e aos seus participantes gerada pela necessidade de um intérprete/tradutor estar dentro da emergência e com isso colocar sua vida em risco e assuntos diversos durante a tradução e interpretação.

As autoras ressaltam que além das demandas de interpretação, a tradução de textos escritos pode urgentemente ser necessária em situações de emergência. Nesses contextos, de acordo com Razumovskaya e Bartashova (2016) a tradução e a interpretação apresentam natureza heterogênea e encontram-se na encruzilhada de muitas áreas temáticas de tradução especializada, especialmente, nas esferas sociopolítica, científica, técnica, jurídica, militar e médica. O capítulo também apresenta um conjunto de propostas a serem implementadas por um programa especial para a formação de tradutores e intérpretes que atuam em situações de emergências no ártico. Esse programa de formação deve atender às seguintes necessidades (p. 127):

Ciclo linguístico (assegurando um elevado nível de competência linguística nas línguas A e B da tradução);

Ciclo de interpretação/tradução (criação de glossários especializados sob a forma de módulos; desenvolvimento de competências para superar as maiores interferências da informação [entropia da informação] com relação à percepção do texto traduzido; melhorar a capacidade de alternância entre línguas; aprimorar o mecanismo de previsão [ou seja, antecipação da informação] e treino da memória a longo prazo e de trabalho);

Ciclo cultural (formando a capacidade de navegar dentro do sistema de valores humanos, a capacidade de se orientar pelos princípios do relativismo cultural e pelos padrões éticos; rejeição do etnocentrismo; domínio das capacidades de comunicação social e cultural; e vontade de aceitar obrigações morais para com a sociedade e o patrimônio cultural);

Ciclo psicológico (domínio de técnicas para aumentar a resistência ao stress, grau de concentração e capacidade de comunicação; desenvolvimento da capacidade de analisar e lidar com as situações problemáticas e dissonâncias no campo da comunicação transcultural); Ciclo de gestão (desenvolvimento de competências de gestão e autogestão);

Ciclo fisiológico (desenvolvimento da resistência física; concentração em um estilo de vida saudável);

Ciclo técnico (formar e melhorar as competências técnicas que contribuem para a eliminação de problemas técnicos.

Razumovskaya e Bartashova (2016) acrescentam que criar um serviço móvel especial de interpretação/tradução; desenvolver e aplicar protocolos de interpretação/tradução, especialmente adaptados para os referidos contextos de emergência é uma importante ação a ser realizada no Ártico Russo. Por fim, as autoras finalizam o capítulo discutindo modelos cognitivos de interpretação em emergências, resgatando as principais contribuições teóricas deste tema. Razumovskaya e Bartashova (2016) encerram a seção I, intitulada Emergências em Contextos Multilíngues.

8 O tradutor e professor, saudita, Khaled Al-Shehari, abre a seção II, Representação das Emergências, com o artigo intitulado *Interpreting in a State of Emergency: Adding Fuel to the Fire* [Interpretação em Estado de Emergência: Adicionando lenha na fogueira]. O texto objetiva examinar um caso onde o intérprete viola o código de interpretação em um contexto de conflitos políticos, o que conseqüentemente causa tensões e mal-entendidos. Partindo de definições clássicas sobre o lugar ético da credibilidade e confiança, que o intérprete credencia para ambas as partes na mediação-cultural e linguística, Al-Shehari concentra-se no aspecto da confiança enquanto fator que está sendo quebrado e que pode interferir em toda relação comunicacional.

O autor contextualiza, de forma breve, a situação política de estado de emergência do Egito, eclodindo em diversas manifestações, contemporânea a outros países árabes, reverberando como movimento Primavera Árabe, que insurge contra regimes ditatoriais. Nesse cenário, em 2012, Mohamed Morsi é eleito presidente do Egito, posteriormente deposto em 2013 por forças militares. Com a destituição de Morsi, uma onda de protestos começou a ocorrer no país, com forte repressão do presidente interino, líder das Forças Armadas do Egito. Nesse contexto de conflitos agravados, Catherine Ashton, Alta-Representante da União para os Negócios Estrangeiros e a Política de Segurança, viaja até o Cairo, representando a União Europeia, para encontrar-se com o presidente destituído, a fim de tentar apaziguar as tensões.

Mas é na conferência de imprensa que situa-se o interesse de tal pesquisa, em que é perceptível “sinais de desconforto, aparentemente devido ao que parece ser uma falha do intérprete no cumprimento das regras de interpretação”⁴ (p. 143), ocasionando mais problemas para a situação política do Egito.

O texto leva em consideração contribuições da semiótica social, a qual compreende que os “sinais podem gerar denotações e conotações diferentes através da interação com fatores sociais e culturais”⁵ (p. 147). Assim, sua análise compara as mensagens e sinais produzidos pelo intérprete e pelo orador em língua-fonte, identificando as mensagens interpretadas que, induzem certos posicionamentos que não faziam parte do discurso de Ashton. Al-Shehari mostra como exemplo a fala da representante europeia, referindo-se ao Morsi sem nenhum vocativo. O intérprete, porém, adicionou o “ex-presidente” Morsi, dando a entender que a figura de Ashton, neutra e com objetivo diplomático, aparentemente assume uma posição de reconhecimento do governo militar. Uma série de exemplos são apontados, demonstrando os danos que são causados à imagem do orador original. São escolhas como “eliminação, adição ou alteração de qualquer sinal existente”⁶ (p. 156), que podem entregar mensagens distorcidas da intenção original. No cenário de conflito, vários políticos concordam que as interferências do intérprete desencadearam maiores tensões em um momento já delicado do cenário político do país.

O capítulo 7, intitulado “Analysis of Representation of the War in Afghanistan as a US War in Russian and Western News Media: Systemic- Functional Linguistics Model” [Análise da Representação da Guerra do Afeganistão como uma Guerra Estadunidense na Mídia de Notícias Russa e Ocidental: Modelo Linguístico Sistêmico-Funcional], objetiva analisar a tradução de notícias e informações que circulam na mídia em diversos ambientes sócio-políticos. Compreendendo que a tradução não é isenta de problemas, o interesse da autora Olena Skorokhod concentra-se em analisar desvios de um dos textos fontes em relação ao seu texto-alvo, observando deturpações provocadas por tradutores, ampliando uma análise que compreende que a tradução constrói representações ideológicas podendo moldar, “a percepção pública das pessoas e dos acontecimentos”⁷ (p. 160). Tal análise se mostra complexa, uma vez que elementos do texto-fonte e texto-alvo, intertextuais e extratextuais podem estar implicados na construção da representação ideológica na notícia. Em síntese, tais atos podem interferir na formação e eficácia de políticas públicas, já que o jornalista-tradutor são (re) criadores de significados. Na mediação de notícias de uma língua e cultura para a outra, é o jornalista e o

tradutor, ou jornalista-tradutor, que se ocupa dessa função, que necessita de uma reflexão na formação de ambos profissionais que atuam nesse contexto.

A pesquisa utiliza-se de um modelo baseado na Linguística Sistêmica Funcional (SFL) para analisar e comparar textos noticiários da Rússia e do Ocidente que narram sobre a guerra do Afeganistão, construindo, assim, representações ideológicas dos eventos noticiados. A construção ideológica da representação pode ser compreendida em três camadas, dando ênfase que o (i) significado e a linguagem são sistemas semióticos socialmente construídos em (ii) quadros ideológicos e sócio-político, o que denota que os eventos são (iii) representações moldadas e não exato reflexo da realidade. O modelo permite analisar mais profundamente os textos de noticiários, comparando texto-fonte e alvo, que passam por seis fases, que envolvem uma análise estrutural do caso, do contexto, da temática, transitividade, modalidade e, por fim, a interpretação e avaliação dos resultados na construção da representação ideológica da notícia.

Os resultados do estudo sugerem que construções enviesadas e preconceituosas, tendem a se construir com a omissão de informações, ou trazer temas com menor frequência nas notícias, a sugestão do estudo é que a ideologia está na base das representações que constrói os textos. Para a autora, compreendendo o poder da tradução, uma melhor formação das pessoas envolvidas na tradução de notícias, pode levar às observações pertinente de como “a deturpação ocorre”⁸ (p. 177) uma vez que a tradução pode “influenciar a criação e o sucesso”⁹ (p. 177) da percepção da população sobre políticas públicas.

Por fim, o capítulo 8, “Ghostly Entities and Clichés: Military Interpreters in Conflict Regions” [Entidades Fantasmagóricas e Clichês: Intérpretes Militares em Regiões de Conflito] Caroline Gaunt debate a presença de intérpretes militares afegãos e iraquianos que prestam serviços às forças armada britânica e americana. O texto objetiva trazer uma discussão sobre os estereótipos e três clichês-chave criados sobre tais profissionais, sendo realimentado também pelos meios de comunicação inerente em todos os domínios sociais. Os clichês analisados são sobre (i) o mito de que tais intérpretes são avarentos, (ii) a frequência de chacotas e piadas destinadas a eles e (iii) a visão destes intérpretes como selvagens e inimigos. A autora recolhe dados como documentos autobiográficos dos militares e textos que circulam na mídia para realizar a análise crítica e detalhada sobre a descrição dos intérpretes nativos do Iraque e Afeganistão sob a lente dos militares ocidentais. Os meios de comunicação social trazem uma representação dos árabes com diversas descrições como imagens de “camelos, terroristas, de nariz gancho e etc.”¹⁰ (p. 182). Os intérpretes iraquianos, para além desses adjetivos, carregam a sugestão de avareza e de fluência rudimentar no inglês, além de que seus

interesses em se alistarem como intérpretes é motivado exclusivamente pela ganância. Essa narrativa é parte não apenas do corpo do exército, como também constituído pelos meios de comunicação.

A visão dos militares e da mídia ocidental, por exemplo, que constrói a narrativa de avaréza dos intérpretes afegãos, é analisada e criticada do ponto de vista que reconhece a situação econômica dilacerada e com alto índice de desemprego de um país afetado pela guerra. Além disso, o argumento de ganância pode ser contestado ao verificar que os cheques de pagamento não são valores nada exorbitantes, em especial pelo fato da instabilidade do país afetado. Embora o salário no contexto afegão possa parecer atrativo, para um inglês equivale a uma quantia abaixo da linha da pobreza. Vale ainda lembrar que o contexto da atividade laboral destes intérpretes é extremamente arriscado, sendo inclusive alvo de ameaças de posições rivais. Quanto ao ataque do inglês rudimentar, a autora, citando Mona Baker, explica que esses intérpretes são em sua maioria profissionais ou ex-estudantes, o que contradiz as afirmações ocidentais.

A análise ainda traz o clichê de chacota, ao qual os intérpretes afegãos e iraquianos são submetidos. Conforme a autora relata, estes servem como objetos de comédia e piada, sendo ridicularizados em rodas de conversas e registros autobiográficos de militares ocidentais. Assim, esses intérpretes tornam-se fonte de entretenimento da diversão militar e midiática de forma institucionalizada. A sexualidade, a higiene e os odores são narrados de forma debochada, tão invasiva que, para o deleite da piada, atacam até mesmo a intimidade destes intérpretes. Tais fatos inibem o não respeito à dignidade pessoal destes profissionais, podendo imortalizar, a partir da mídia, a figura cômica que mascara a identidade destes sujeitos.

Para finalizar, o clichê como selvagens é empregado para narrar os povos não ocidentais como menos civilizados, menos livres e democráticos, antiprogresso e anticivilidade. “Neste contexto, os intérpretes nativos não apenas se diferem, mais do que isso, são o oposto de tudo o que os indivíduos ocidentais são”¹¹ (p. 193). A imagem do não ocidental, na figura desses intérpretes, simboliza todo o terror que representa “um indivíduo que não é como nós”¹² (p. 193). Isso implica na compreensão de que tais intérpretes, mesmo servindo às forças americanas e britânicas, são tidos como suspeitos e possíveis terroristas. Isso cai em um paradoxo, já que os mesmos também são considerados como traidores pelos seus compatriotas, além de “potenciais espões inimigos pelos EUA, seus empregadores”¹³ (p. 196). A conclusão apontada é a de que as narrativas construídas pelo exército e pela mídia não assumem uma posição neutra, mas sim carregada de uma concepção negativa de seus intérpretes nativos.

É necessário dar credibilidade pública e mérito a excelentes intérpretes e reconhecer, para além dos benefícios que estes oferecem às forças armadas ocidental, as razões que influenciam a existência desses empregos. Esse reconhecimento, seria o início de uma narração mais verdadeira para com os intérpretes afegãos e iraquianos que atuam em zonas de guerra arriscando a própria vida.

Concluindo a resenha dos capítulos apresentados, vale destacar que ao final de cada um dos capítulos apresentados há um conjunto de referências bibliográficas relevantes e que sustentam os temas tratados na presente obra. Do nosso ponto de vista, os capítulos apresentam em comum três aspectos importantes, a saber: (i) as demandas de tradutores, intérpretes e mediadores linguísticos que atuam em situações de emergência e crises de comunicação constituem um fato real e carecem de formação e treinamento especializado considerando os diversos contextos aos quais os profissionais estão expostos; (ii) as autoridades e demais gestores públicos na maioria das vezes não consideram as atividades de tradução e de interpretação como parte dos planos de governos, o que precariza ainda mais o atendimento de pessoas que necessitam desses serviços e (iii) necessidade desta temática ser mais visível dentro dos Estudos da Interpretação, assim como, maior alinhamento entre pesquisa e profissão.

12

Além disso, Federico M. Federici (organizador da presente obra) reúne diversos pesquisadores localizados em partes diferentes do mundo, mostrando-nos como esses países têm solucionado e/ou amenizado seus dilemas linguísticos, tradutórios e culturais tomando como base a tradução e a interpretação. Vale pontuar que muitas entidades representativas de tradutores e intérpretes estão envolvidas nessa tarefa, criando programas de formação e treinamentos personalizados ou ainda atuando na linha de frente dos desastres naturais ou provocados pelo ser humano. A tradução e a interpretação auxiliam diversas populações atingidas pelas catástrofes e proporcionam visibilização e garantia ao princípio da dignidade humana: direito à comunicação, direito de entender e se fazer entendido, direito de traduzir e de ser traduzido. Depreende-se dessa situação que tanto o tradutor quanto o intérprete ou ainda mediadores linguísticos e culturais ocupam papel central nesses cenários de crise, de emergências, de desastres e tantos outros espaços com características dessa natureza.

É necessário e urgente revisar as posturas e valores profissionais, especialmente no que tange à resiliência, à hospitalidade e ao modo ético, cultural e linguístico que esses profissionais ou não profissionais olham para aqueles que necessitam dos serviços de tradução e de interpretação. Diante desse cenário, podemos afirmar que a tradução e a interpretação além de exercerem protagonismos decorrentes de emergências linguísticas e culturais são também

exemplos de resistência e subversão, pois elas subvertem cenários inóspitos, poucas vezes experimentados pela maioria dos tradutores e intérpretes. Para finalizar, recomendamos a leitura do livro *Mediating Emergencies and Conflicts: Frontline Translating and Interpreting*. Desejamos que ele inspire pesquisadores, tradutores e intérpretes a adentrarem em novas leituras e perspectivas compreendendo o caminho das políticas de tradução e de interpretação como uma alternativa possível para implementar a maioria das demandas que aqui foram apresentadas, requisitadas e reclamadas.

REFERÊNCIAS

Federici, F. M. (Ed.). (2016). *Mediating Emergencies and Conflicts: Frontline Translating and Interpreting* (Palgrave Studies in Translating and Interpreting). Palgrave Macmillan.

¹ Esse assunto é tratado no documento intitulado: “‘Disaster 2.0’ under the title of ‘Translation: A Perennial Hidden Issue’”, assinado por Brendan McDonald.

² De acordo com o dicionário Michaelis, *tundra frozen* é uma região fitogeográfica ártica e subártica de solo rochoso e frio intenso, caracterizada pela vegetação herbácea e subarbustiva, constituída especialmente por ciperáceas, bem como vários tipos de musgos e líquens que cobrem o solo.

³ O *permafrost* é o solo que possui gelo permanente em sua superfície. Esse solo é bastante comum em regiões árticas ou do Hemisfério Norte, principalmente no Canadá, Rússia e Alasca.

⁴ No original: “signs of discomfort, apparently due to what seems to be a failure of the interpreter to abide by the rules of interpreting”.

⁵ No original: “signs can generate different denotations and connotations through interaction with social and cultural factors”.

⁶ No original: “deletion, addition, or changing any existing sign”.

⁷ No original: “shaping the public perception of people and events”.

⁸ No original: “misrepresentation occurs”.

⁹ No original: “the creation and success”.

¹⁰ No original: “camel-riding, terroristic, hook-nosed”.

¹¹ No original: “In this context, the native-speaker interpreters are not only different but, more than this, they are the opposite of all that Western individuals are.”

¹² No original: “an individual who is not like us”.

¹³ No original: “they are considered traitors by their fellow countrymen and potential enemy spies by their US employers”.